

Marilia Arnaud

O pássaro secreto

1ª edição

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2021

um

Talvez exista um lugar de onde não se pode mais retornar, onde a vida não pode ser restituída. Talvez esse lugar seja aqui, onde estou agora, submersa na essência do silêncio, a entoar uma canção sem melodia nem palavras, livre do peso do meu próprio corpo, livre de mim mesma.

dois

A vida tem tanta força, que flores brotam em jardins de cimento. Para mim, todavia, a morte começou muito cedo. Antes que o tempo perdesse a aura de infinidade que maquia a juventude, eu não tinha mais nenhum caminho por onde seguir. Não me foi dada a chance de outra vida. E, se minha avó Sarita estivesse aqui, ela me olharia muito séria e diria: “Como Deus faz falta, Marrã!”

Eu me chamo Aglaia Negromonte. Não carrego o nome de família da minha mãe. Meu pai, que registrou meu nascimento, não conseguiu me explicar a omissão. Meu nome não combina comigo. Onde, a Graça? Minha mãe conta que lutou para eu me chamar Maria Letícia, ou Maria Eugênia, ou simplesmente Maria. Além de não cair de amores pelos moradores do Monte Olimpo, temia não gerar uma segunda e uma terceira filha que justificassem a trindade das mitológicas Graças gregas. Mas, como não houve argumento capaz de desmontar o querer de Heleno Negromonte, acabou vencida. Gosto do sobrenome. Negromonte me faz pensar em montanhas cobertas por um véu profundo de rochas e bosques de pinheiros, em cumes coroados por rebanhos de nuvens, em encostas e escarpas brutas, em grutas por onde se esgueiram lobos de olhos sedentos. Negromonte me faz pensar em mistério e solidão.

Nasci às vinte e duas horas e quinze minutos de uma quarta-feira após o carnaval. Quando criança, achava curioso o feriado ser chama-

do Quarta-Feira de Cinzas. Minha avó Sarita explicou que, durante a cerimônia católica celebrada nesse dia, ao fazer uma cruz de cinzas na testa dos fiéis, o padre fala: “Lembra-te que és pó e que ao pó voltarás”, para que não se esqueçam da própria mortalidade, libertem-se do peso do ego e renasçam puros, como homens de Deus.

Vim ao mundo na maternidade da universidade federal onde minha mãe trabalhava. A gravidez foi de risco, com hipertensão e outras complicações, e ela foi obrigada a passar os sete meses da gestação na cama. Ela também me contou que, ao nascer, berrei com a potência vocal de um bebê de muitos meses, assustando quem estava na sala de parto, e, ao ser colocada na incubadora, onde permaneci até os pediatras me considerarem pronta para o mundo aqui fora, enfrentei aquele primeiro vazão com um choro agudo e contínuo. Em uma fotografia, feita sei lá por quem, sou um rato cor-de-rosa aprisionado na redoma de vidro; um hamster de barriga para cima, braços e pernas de fiapo enrodilhados em tubos e fios.

Chorei incessantemente da manhã à noite durante os primeiros dias de vida, quase a ponto de enlouquecer as enfermeiras e, quando fomos para casa, minha mãe. Só lhe dava trégua durante as mamadas e o sono, sempre curto e agoniado; eu grunhia, rolava de um lado para o outro, chocava-me contra as barras do berço. Outra foto dessa época mostrou-me uma mãe sobrevivente de uma guerra particular. Adormecia comigo pendurada em seus seios. Leite, tinha suficiente para alimentar mais um bebê. A hipótese de fome, portanto, estava descartada. A pediatra, depois de me virar pelo avesso, afastou as suspeitas de cólica, dor de ouvido, refluxo, assadura, qualquer desconforto ou doença que justificasse meu pranto.

Para não ouvir o berreiro, meu pai trancava-se no escritório e, de lá, gritava: “Por Deus, Luísa, o que diabos tem essa menina?” Minhas lágrimas, sem motivo aparente, desafiavam a inteligência dos médicos. Talvez eu pressentisse o que me aguardava. Talvez. Há muitas perguntas para as quais continuo sem resposta. A primeira delas, a mais íntima e

determinante, a mais antiga, a mais aflitiva desde a infância: “Por que sou como sou?” Minha mãe fingia não me compreender e respondia com outra pergunta: “Qual é o problema em ser como você é, filha?” E minha avó Sarita dizia: “Sossega, Marrã, nem tudo neste mundo pode ser explicado.”

Havia explicação para coisas simples como câimbra, soluço, bocejo. Também se explicavam terremoto, aurora boreal, sol à meia-noite, *hunters moon*, entre outros fenômenos da natureza. Explicava-se até mesmo o assombroso fato, ao menos para mim, de trezentas toneladas de liga de alumínio segurarem-se no ar e planarem como um pássaro monstruoso a caminho do ninho. Um dia, ouvi alguém comentar que, depois de enterrados, as unhas e os cabelos dos mortos continuam crescendo, e meu pai — ele não deixava nada sem explicação, desde que a explicação não fosse sobre ele mesmo — deu-me uma aula sobre as diferentes espécies de células do corpo humano.

Em outra ocasião, quando estava de férias em *Saudade* — o sítio da minha avó Sarita, que pertenceu aos seus pais e aos pais dos seus pais, e, creio, aos pais dos pais dos seus pais —, acordei com a sensação de estar sendo observada. Ao abrir os olhos, avistei, por trás da janela envidraçada, uma serpente descomunal, em pé feito um bicho de patas. Reparei que ela se dobrava para espiar o interior do quarto, e lá estavam os anéis em tons de preto, castanho e laranja, a cabeça chata de olhos oblíquos, a boca de presas e a língua fina, preta e bifurcada na ponta, que se espichava e se encolhia rapidamente. Tentei levantar, mas as pernas não funcionaram, como se correntes me amarrassem à cama, e gritei por um tempo que me pareceu longo demais, até minha avó aparecer, aninhar-me em seus braços e me falar sobre o quanto nosso cérebro é capaz de nos pregar peças. Às vezes, peças bem cruéis. Também para aquele horror havia explicação.

Nenhuma ciência, porém, elucidava as pessoas e as suas idiossincrasias; nenhuma palavra dava conta das estranhezas e ambiguidades de que se faziam. Fluidas como água, não se podia confiar nelas nem dava

para saber quando mentiam, tramavam ou escondiam algo. O certo é que era possível viver ao lado de alguém durante toda uma existência, dormir e acordar junto dia a dia e de modo algum saber o que o outro pensava ou era capaz de fazer. Aquilo era assustador. Aquilo tirava meu mundo do lugar.

Perdi a inocência por enxergar as pessoas sob a casca. Minha avó acreditava que isso teria desencadeado a ansiedade em alto grau, os surtos de pânico, os colapsos nervosos. E tudo o mais. Todavia, enxergá-las por dentro não importava clareza. Pelo contrário. Havia muita confusão no interior das pessoas. Carregavam o céu e o inferno. Uma imensidão de contrários que me dava ânsia de esbravejar até minha boca se romper. Amor e ódio, força e fragilidade, doçura e azedume, desapego e mesquinhez, tristeza e alegria, medo e bravura. O melhor e o pior. E, no meio daquilo tudo, um mistério.

Tão fácil invadir a mente das pessoas e dar voltas por corações borrados de vida! Estava tudo lá. Bastava mirá-las bem dentro dos olhos e mergulhar. O que mais me apavorou na primeira vez em que encontrei Thalie foi não enxergar nada dentro dela. Um livro sem palavras. Lembro-me bem desse momento. Foi no dia em que ela surgiu à porta de casa, com o cachorro nos braços e meu pai na retaguarda. Nunca antes me acontecera algo parecido. Aquele vazio só podia ser mandinga. Baixei a cabeça e, com o coração lutando para sair pela boca, preguei os olhos no piso que Eufrosine limpava para a passagem da princesa.

Desisti das pessoas; elas me causam exaustão psíquica. Não as enxergo mais, sequer ousar encará-las, nem pondero mais sobre elas. Hoje me faço perguntas bem banais. Quero saber se amanhã vai chover ou fazer sol, se o preço das frutas e hortaliças do senhor que instala sua banca aqui em frente ao prédio está mais em conta do que o do mercadinho do bairro. Se devo pintar, na sala, a parede que desbotou com um vazamento, se o girassol que enfeita minha varanda, e ainda não floresceu, merece mais uma porção de adubo.

Em alguns meses terei quarenta anos, e minha infância foi ontem. Ontem também vivíamos em um conjunto habitacional para professores da universidade federal, e meus irmãos brincavam no arremedo de parque em frente à nossa casa de terraço e jardim. Ainda que raras, guardo em mim, com o nome de amor, as lembranças desses primeiros anos de vida, se é que o amor pode ser a lembrança de um aroma, uma sensação, uma atmosfera.

Recordo-me do quarto que eu e Heitor dividíamos — Eufrosine era tão só um bebê e dormia em um berço ao lado da cama da minha mãe —, da cômoda e do armário laqueados de branco, prateleiras com alguns livros e brinquedos, cortinas de voal bege que adejavam ligeiramente em torno da janela aberta, do teto de estrelas que se acendiam no escuro, e da minha mãe, deitada ao meu lado, lendo para mim. Fecho os olhos, e as ilustrações em cores fortes e traços bem marcados surgem à minha frente, e as palavras, apontadas por dedos de unhas curtas e rosadas, bailam ao som da sua voz, e o cheiro de maçã do xampu com que ela lavava os cabelos, da lavanda borrifada nos lençóis e da massa de modelar que impregnava o quarto me invade com intensidade.

Meu primeiro brinquedo, o meu ursinho de pelúcia, foi um livro. Éramos presenteados com livros em datas festivas, como aniversário, dia das crianças e Natal, e, uma vez ou outra, quando minha mãe recebia o salário. Naturalmente não acreditávamos na história que ela nos contava sobre um Polo Norte rico em bibliotecas, e um bom velhinho que distribuía livros apenas para as crianças consideradas especiais. Eufrosine, que sonhava com bonecas que tomavam mamadeira, faziam xixi, patinavam e soltavam bolinhas de sabão, dizia que Papai Noel não passava de um velho maluco e cruel. Heitor odiava os livros que era obrigado a ler, inclusive os de Julio Verne, autor que meu pai assegurava ser capaz de fisgar a atenção de qualquer garoto da sua idade, e eu nem mesmo acreditava na existência dele.

Fui alfabetizada com pouco mais de quatro anos. Minha mãe me contou que eu vivia perguntando a quem estivesse por perto que pala-

vra era aquela na caixa de leite, no pacote de biscoitos, na capa do livro, aquela lá no outdoor e aquela outra na manchete do jornal. Nessa época, estudávamos em uma escola distante de casa, em outro bairro; íamos e voltávamos de transporte escolar. Enquanto as crianças tagarelavam, jogavam, discutiam, eu ia dando conta de tudo que era letreiro nas ruas. E tinha que ser rápida, porque em um segundo os outdoors, as faixas, os cartazes, os anúncios nas fachadas dos prédios estavam bem à minha frente ou ao meu lado e logo não estavam mais.

Nos fins de semana, quando saíamos de carro, eu lia em voz alta toda e qualquer palavra que se pusesse diante dos meus olhos, e meu pai ou minha mãe, quem estivesse à direção, sorria para mim pelo retrovisor, e aquele sorriso de aprovação me revelava que a palavra era o mais puro amor.

Desde o momento em que acordava, quando enxergava minha mãe à porta do quarto e lhe dizia “Já estou levantando” ou “Me deixa dormir mais um pouco”, até os últimos momentos do meu dia, quando adormecia agarrada a um livro ou ao diário, sabia que as palavras estavam ali, por trás de tudo, uma espécie de ponte entre mim e o mundo.

Tenho uma sensação, que na verdade é uma lembrança de quando comecei a ler. O mundo era uma caixa que nos guardava a mim, meu pai, minha mãe, meus irmãos, minha avó Sarita, nossa casa, a casa da minha avó, o playground, a escola e a sorveteria. De repente, a caixa rompeu-se, e o mundo saltou de dentro como mola, imenso, infinito, abarrotado de coisas, caminhos e belezas. Embora eu não pudesse ver nem tocar tudo aquilo, o mundo estendia-se até os confins da palavra. E carregada de significados, a palavra me contava o mundo, mesmo quando ele não era real.

Meu pai nos dava, a mim e aos meus irmãos, verdadeiras aulas sobre a origem e a evolução das palavras. “Coração” era a palavra mais bonita do universo, sobretudo, quando eu a sussurrava em minha cama, no silêncio das cobertas, enquanto todos dormiam. Um momento mágico, como se, ao ser pronunciada, a palavra tocasse o que representava.

“Coração” deriva do latim *cor*, mas há quem afirme ter origem na raiz indo-europeia *kered*, que, por sua vez, deriva da palavra grega *kardia*. E eu, que por muito tempo imaginei que as coisas já nasciam com nome, perguntava-me quem primeiro no mundo afirmara que *kardia* era *kar-dia*, quando *kardia* era apenas um som tão distante quanto o indivíduo que o enunciara. E me perguntava também se, antes de chegarem à *kardia*, não existira alguém que pusera a mão sobre o lado esquerdo superior do torso e pronunciara *ker*, e, quem sabe, certa mãe não deitara a cabeça sobre o peito do filho e murmurara *kor* ou *kaer*, e, por fim, um sujeito voluntarioso como meu pai teria bradado *kardia*, e então *kardia* se impusera como palavra.

Em nossa casa, tudo girava em torno da palavra. Não a palavra ordinária, que organizava a vida cotidiana, mas a que abria as portas para o imaginário, a fantasia, o milagre da vida reinventada. Em cada cômodo havia um dicionário, naquele tempo, físico e imenso. Além de se prestar para dirimir as dúvidas surgidas durante as partidas de *Scrabble*, funcionava como tabuleiro de jogo. Meu pai nos fazia sentar em círculo sobre o tapete da sala, colocava um dicionário no centro e o abria de forma aleatória. Um de cada vez, e de olhos fechados, escorregava o indicador pela página e pausava em uma palavra qualquer. Depois de ler sua definição, construía uma frase com ela.

Nas vezes em que o jogador era meu pai, ele não somente criava a frase como também recitava algum poema ou ia até o escritório e de lá voltava com um livro, de onde a palavra brotava com um sentido particular. Costumava ser bom nisso, e nos impressionava com gestos imensos, fala grave e pausada, discursos sobre os fatos que marcaram a vida dos grandes nomes da história do teatro: Sófocles, Ésquilo, Eurípedes, as *morality plays*, a *commedia dell'arte*, a *comédie française*, o teatro épico, o moderno, o contemporâneo, o teatro do absurdo, o Homem e a sua eterna busca pela felicidade.

Não sei quando deixei de prestar atenção aos monólogos do meu pai. Em algum impreciso momento suas histórias começaram a me entrar por

um ouvido e sair pelo outro, e logo me tornei indiferente às suas caras e bocas. Sei que já nos mudáramos da casa para o apartamento e Thalie ainda não existia em nossa vida. Foi mais ou menos no tempo em que ele resolveu colocar um sofá-cama no escritório e passou a dormir por lá.

Todas as manhãs, antes de sair para a escola, eu o espiava pelo buraco da fechadura. Molière, Racine, Bertolt Brecht, Artaud, Sartre, Samuel Beckett, Tennessee Williams, Gil Vicente, Plínio Marcos, Nelson Rodrigues, García Lorca, entre outros grandes da arte dramática, forravam as paredes e o piso do escritório improvisado no quarto da área de serviço. Jornais e laudas brotavam por toda parte, pontas de cigarro esborravam dos cinzeiros espalhados na mesa de trabalho, e pratos com restos de comida constelavam o chão empoeirado. Vestido com a roupa da véspera, a boca aberta, o peito largo subindo e descendo, meu pai, o grande ator e dramaturgo Heleno Negromonte, que todos reverenciavam, parecia-me o homem mais desamparado da face da Terra.

Enclausurado ali, gastava os dias lendo, escrevendo, falando ao telefone, passando e repassando falas. Minha mãe lamentava que o marido não soubesse consertar os objetos que se quebravam em casa nem trocar lâmpadas nem reparar vazamentos. Havia muito o que lamentar. Nem mesmo quando eu e meus irmãos discutíamos violentamente e ela implorava a interferência do meu pai para nos fazer parar, porque nossos gritos realmente a tiravam do sério — e como sabíamos gritar! —, ele se dignava a abrir a porta e dar uma espiada no que estava acontecendo lá fora. Se dependesse dele, estouraríamos sem piedade os tímpanos da minha mãe e faríamos qualquer coisa que nos desse na telha, desde que ele não fosse obrigado a parar o que estivesse fazendo, a interromper suas atividades intelectuais, a abandonar o escritório, nas palavras irônicas da minha mãe: “a concha dourada de Heleno”.

Tínhamos dois Helenos: o marido-pai, que gastava todas as horas do dia enfiado nele mesmo, e o notável ator Heleno Negromonte, gentil, eloquente, divertido, para quem o mundo era um palco com todas as luzes da ribalta. Bastava atravessar a porta de casa para o marido-pai

se travestir de ator. Da vizinha, que tomava o elevador junto com ele, ao porteiro, que lhe dava bom-dia, ninguém escapava do seu derrame de amabilidades e galanteios, das frases feitas acompanhadas do mais exagerado gestual. Com seus versos e maneirismos, seduzia jovens e velhos, homens, mulheres e crianças. Como se estivesse diante de câmeras, sob a luz de refletores, abria os braços e declamava os versos de Augusto dos Anjos:

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância...*

E, ficando os olhões pestanudos nos olhos do espectador, passando a mão devagar na barba bem-cuidada, penteando os fios pretos e cinzentos com os dedos, seguia desfiando versos de Fernando Pessoa, um dos seus poetas favoritos:

*não sou nada, nunca serei nada, não posso
querer ser nada,
à parte isso tenho em mim todos os sonhos
do mundo*

Para cada situação, uma *persona*, uma fala, um poema, um sorriso.

Impossível meu pai passar despercebido em qualquer lugar. Vovó Sarita afirmava que ele enchia uma sala, e minha mãe acrescentava: “Mais que uma sala, Heleno enche o mundo.” Sólido, vibrante, excessivo, onde meu pai existia não restava espaço para mais ninguém. Gigante cego, esmagava quem se pusesse no seu caminho, quem atravessasse à sua frente.

Na ausência da minha mãe, seu sorriso fazia-se mais largo, expandindo-se da boca às têmporas e das têmporas ao queixo marcado por uma cova, e a poesia do mundo fazia morada em sua língua. Talvez porque

fosse sempre ela a convocá-lo de volta à realidade, coisa que meu pai não fazia sem se aborrecer seriamente.

Quando saíamos juntos, consumia-me a aflição de que pudesse encontrar algum admirador ou conhecido, que alguém o abordasse e eu fosse obrigada a presenciar mais uma de suas atuações burlescas, a assistir aos mesmíssimos shows de retórica, charme e erudição. Envergonhava-me a bajulação tão despudorada de algumas pessoas. E, embora desejasse chamá-lo à razão, “Ei, pai! Olha aqui! Não há plateia nem casa lotada, somos apenas eu e a tonta dessa mulher de sorriso reverente”, calava-me, sem a esperança de que alguém, por certo não eu, pudesse dar conta da saliência do meu pai, e me questionava como era possível ele não perceber o picaresco daquelas cenas. Como uma criatura podia ser tão sábia e tão tola ao mesmo tempo?

Minha mãe não se constrangia com aquelas exposições, creio que até mesmo as apreciava. Eu não compreendia como ela, que era especialmente bonita, tratava as pessoas com delicadeza e honestidade e conversava com fluência sobre qualquer assunto, deixava-se eclipsar por ele daquela forma. Quando os dois estavam juntos, ninguém se dirigia a ela, como se não existisse como indivíduo, como se fosse um apêndice dele. Aquilo me enfurecia, e, mais ainda, o fato de aquela invisibilidade não a perturbar.

Minha avó Sarita contava-me fatos da adolescência e da infância do filho, na tentativa de me convencer de que ele era o que sempre fora, o que sua natureza determinava, tanto quanto tinha olhos azuis, pele clara e cabelos castanhos. Ah! Então estaria nos genes do meu pai a certeza de que o mundo só existia porque ele existia? Vovó entortava a boca, um trejeito de reprovação, e afirmava que muitas meninas gostariam de ter como pai Heleno Negromonte, um homem culto, espirituoso, carismático, além de respeitado profissionalmente.

Para mim era um mistério meu pai conseguir encantar as pessoas com aquelas pantomimas, se de modo algum saía dele, se os outros o impacientavam, se, no fundo, no fundo, não concedia a ninguém uma

atenção verdadeira. Admito que se importava com a família, mas apenas ocasionalmente e não de forma espontânea. Minha mãe precisava invocar sua condição de marido e pai e lembrá-lo de que ela não se casara com um fantasma nem fizera os filhos sozinha.

Às vezes minha mãe sacudia o casulo, gritava por cima do barulho do mar e conseguia fazer com que o molusco a ouvisse, desde que o assunto não fosse compras a fazer, contas a pagar, problemas dos filhos na escola, desde que ele não tivesse que apartar brigas ou nos dar broncas. Ainda que estivesse em casa mais tempo do que minha mãe — ela tinha horários a cumprir no trabalho —, vivia alheio ao que se passava além da porta do escritório, atracado aos livros e esquecido, meu pobre grande pai, de que dessa mesma maneira Próspero perdera seu reino.

Lembro-me particularmente de um dia em que Heitor fez sumir o livro que eu estava lendo. Fui ao banheiro e o deixei aberto sobre a cama. De volta ao quarto, não o encontrei mais. Minha mãe, que resolvia essas pendengas, saía para o trabalho. Depois de revolver em vão todos os cômodos da casa, pensei em recorrer a meu pai. A complicação era que eu estava lendo um dos livros da coleção Vagalume e temia que ele, preconceituoso como era com autores que ignorava, indagasse sobre a porcaria com a qual eu gastava meu precioso tempo, e que eu não conseguisse argumentar sobre as maravilhas que a coleção oferecia.

Como minha mãe ia demorar a voltar para casa, decidi, enfim, chamá-lo. Bati uma, duas, três vezes. Estava prestes a desistir quando ele surgiu à porta, visivelmente contrariado. Desmanchada em lágrimas, implorei que desse um jeito no primitivo do Heitor e o fizesse me devolver o livro. Balançou a cabeça, olhou-me de um jeito que sempre me fazia sentir a menor das criaturas e falou que nós éramos insuportavelmente estorvantes e que às vezes era fácil demais compreender Herodes. Em seguida, bateu a porta na minha cara. Por último, quando eu já não podia vê-lo, deixou escapar um palavrão — minha mãe execrava palavrões e nos proibia terminantemente de expressá-los. Mas o que em nós era feio e vergonhoso em meu pai era ímpeto retórico.

Não sabia o que significava “estorvante”, mas intuí logo que não podia se tratar de nada bom. A despeito de ter apenas dez ou onze anos de idade, senti, naquele justo instante, o quanto era difícil para meu pai, o único que eu tinha, o exercício da paternidade. Nem o palavrão nem a referência a Herodes me atordoaram. Perturbaram-me a veemência e a verdade com que suas palavras me alcançaram, me derrubaram e me cravaram ao chão.

Quis matar e enterrar, bem enterrado, aquele sentimento, mas as patas raivosas de algo que se alargava dentro de mim chutaram-no de um lado para o outro, como se a dificuldade do meu pai, em mim feita mágoa, fosse um feroz predador. O sentimento engalfinhou-se com algo crescente dentro de mim, uma refrega de garras e presas afiadas, sem que me chegassem forças para apartá-los.

três

O mundo arde diante dos meus olhos, espantosamente irreal, dissolvido em borrões. Quem são essas pessoas que circulam ao meu redor, conversando aos sussurros, observando-me com estranha atenção? Onde estão meu pai, minha mãe, minha avó Sarita? Se estou morta, vovó enganou-se, agora sei. O destino dos pássaros não é o céu. O destino dos pássaros é o inferno, onde acabam por tombar, as asas partidas de escuridão.